

Equipas de Nossa Senhora

OUSAR

Notícias das Equipas da Região Porto

Nº 60 — Abril de 2020

Se hoje ouvirdes a voz do Senhor não fecheis os vossos corações

RENASCER DAS CINZAS



“Vivo sempre no presente. O futuro, não o conheço. O passado, já o não tenho”. A afirmação é de Fernando Pessoa e revela uma verdade que, por mais evidente que seja, nem sempre dela temos consciência. Não

é invulgar vivermos ancorados no passado ou afanosamente projectados no futuro de tal forma que ignoramos e desperdiçamos a oportunidade que o “nosso presente” nos dá. Assim como também não é vulgar que de um momento para o outro sejamos forçosamente confinados ao presente para conviver com cenários apocalípticos, como que para nos sinalizar que algo não está bem e que é preciso repensar e mudar.

A invulgaridade do nosso momento presente desperta-nos para um verdadeiro pesadelo à escala planetária. Uma realidade para a qual não estávamos preparados, perpetrada por um silencioso vírus, que de forma absolutamente imprevisível e impensável, se torna repentinamente o protagonista do nosso mundo; desnudando de forma cruel toda a vulnerabilidade do ser humano; remetendo-o para os níveis mais básicos da luta pela sobrevivência e da segurança; intimidando-o e desmascarando, de forma humilhante, a sua ilusória presunção de onipotência. E desta forma declarando, de forma implacável, uma crise civilizacional sem precedentes.

Chegados aqui, nas adversas circunstâncias em que nos encontramos, é impossível que a realidade não nos interpele, não nos inquiete, não nos coloque perguntas, não nos exija respostas! Afinal se não tirarmos lições daquilo que está a acontecer, se nada fizermos, bem poderemos correr o risco de amanhã estarmos a comprovar que a história se repete.

Fazendo jus do lema que escolhemos quando fomos chamados à missão que temos vindo a desempenhar nas ENS,

e que está prestes a terminar, **“Se hoje ouvirdes a voz do Senhor não fecheis os vossos corações...” (Salmo 94)**, talvez este seja o momento mais adequado para uma viagem ao interior de cada um, numa atitude de abertura e de escuta, na procura das nossas próprias respostas às questões e dúvidas que necessariamente nos assolam. A oportunidade para um exercício de discernimento que nos liberte da tentação de ficarmos pelos lamentos e vencidos pelo desânimo e nos impulsione na esperança de nos erguemos, como Fénix, a partir das cinzas de uma realidade que sucumbiu e que jamais será a mesma. E este tempo Pascal em que nos encontramos é um tempo por excelência para nos inspirar nesse exercício de renovação e transformação.

Foi esse o desafio lançado a diversas pessoas, dentro e fora das Equipas, a quem muito agradecemos, e de que nesta newsletter é dado eco. A profundidade das suas reflexões pode ser verdadeiramente inspiradora; uma luz e uma ajuda importante para encontrarmos, ou não, alguma identidade com as nossas próprias respostas.

Aconselhamos vivamente a sua leitura!

Tinuxa e Domingos Duarte

Porto 130



**“Vivo sempre no presente.
O futuro, não o conheço.
O passado, já o não tenho.”**
(FERNANDO PESSOA)

PARA REFLETIR

PREPARAR O AMANHÃ DE TODOS ... UMA OPORTUNIDADE



Caros amigos! Este tempo que estamos a viver, continua a desafiar-nos cada dia, pedindo-nos superação e elevação do espírito. Sem

esta capacidade, “dom do alto”, graça concedida por Deus, tudo seria mais difícil de suportar e de entender.

No domingo, a seguir à Páscoa, celebrou-se a festa da Divina Misericórdia e nesta circunstância, comentando o passo evangélico do encontro de Cristo ressuscitado com o apóstolo Tomé (cf. Jo 20,19-31), dizia o Papa Francisco: “na provação que estamos a atravessar, também nós, com os nossos medos e as nossas dúvidas como Tomé, nos reconhecemos frágeis. Precisamos do Senhor, que, mais além das nossas fragilidades, vê em nós uma beleza maior. Com Ele, descobrimo-nos preciosos nas nossas

fragilidades. Descobrimos que somos como belíssimos cristais, simultaneamente frágeis e preciosos. E se fomos transparentes diante d’Ele, como o cristal, a sua luz – a luz da misericórdia – brilhará em nós e, por nosso intermédio, no mundo. Eis aqui o motivo para exultarmos de alegria – como diz o apóstolo Pedro –, se bem que, por algum tempo tenhamos de andar aflitos por causas das diversas provações a que é submetida a nossa fé. (cf. 1Pe 1,6).

Nesta festa da Divina Misericórdia, dizia o Papa, chega-nos o mais belo anúncio, através do discípulo que *chegou tarde*. Ali, só faltava ele. Mas o *Senhor esperou por ele*. A misericórdia não abandona quem fica para trás. Neste momento, em que pensamos numa recuperação lenta e fadigosa da pandemia, é, precisamente, este o perigo que se insinua: *esquecer quem ficou para trás*. Agora, o risco é que nos atinja um *vírus*, ainda pior, que é o do *egoísmo indiferente*. Este *vírus*, transmite-se a partir da

ideia de que a vida melhora se vai melhor para mim, que tudo correrá bem se correr bem para mim. A partir daqui, começamos a esquecer os outros, a selecionar as pessoas, a descartar os pobres, a imolar no *altar* do progresso quem fica para trás. No entanto, esta pandemia, lembra-nos, porém, que não há diferenças nem fronteiras entre os homens, entre aqueles que sofrem. Somos todos frágeis, todos iguais, todos preciosos! Que aquilo que está a acontecer, nos faça estremecer e comover interiormente: é tempo de remover as desigualdades, de sanar a injustiça, que mina pela raiz a saúde da humanidade inteira!

Aproveitemos esta *prova* como uma *oportunidade* para preparar o amanhã de todos, sem descartar ninguém. De todos! Porque, sem uma visão de conjunto, não haverá futuro para ninguém.” (*Homilia*, 19/04/2020).

Pe. Nélio Gouveia, scj.

NOTÍCIAS DA REGIÃO

MISSAS DE PRIMEIROS SÁBADOS E RECITAÇÃO DO TERÇO

Missa de Primeiros Sábados

Sábado, 2 de Maio

19h00

Diretamente da Igreja de São Martinho de Aldoar via Facebook e Youtube



facebook

YouTube

Recitação do Terço

13, 22 e 29 de Maio

21h30

A partir da casa de equipistas, através da plataforma Zoom.



RELEVÂNCIA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA NA PASTORAL DA FAMÍLIA



Correspondo com alegria ao desafio que me foi feito de abordar este tema, aliando a liberdade (e ignorância) de não ser equipista às gratas e variadas experiências (que vou conhecendo por toda a diocese) de participação dos equipistas nas atividades da pastoral familiar.

Começo por recordar que “Pastoral Familiar é toda a ação ou intervenção da Igreja em favor da Família, acompanhando-a, passo a passo, nas diversas etapas da sua formação e desenvolvimento, através das suas estruturas e dos seus responsáveis e agentes.” (João Paulo II, *Familiaris Consortio*, 1981, n. 65).

S. João Paulo II fundamentou a necessidade da pastoral familiar dizendo que “É urgente a intervenção da Igreja em favor da família – setor verdadeiramente prioritário – empregando todas as forças para que a Pastoral da Família se afirme e desenvolva, numa dedicação exigente e perseverante, porquanto a evangelização, no futuro, depende em grande parte da Igreja doméstica.” (João Paulo II, *Familiaris Consortio*, 1981, n. 65). Para esta pastoral propôs um âmbito alargado e exigente: “A Pastoral Familiar incidirá sobre famílias cristãs e não cristãs nas diversas etapas da formação e crescimento da realidade familiar: **ajuda na descoberta da sua vocação e missão, preparação do noivado, celebração sacramental do matrimónio e como luz e repositório dos valores humanos e cristãos do Evangelho de Jesus Cristo.**” (João Paulo II, *Familiaris Consortio*, 1981, n. 65).

Segundo o Papa Francisco, a pastoral familiar é sempre uma construção e um caminho: “(...) *Um desafio da Pastoral Familiar é ajudar a descobrir que o matrimónio não se pode entender como algo acabado. A união é real, é irrevogável e foi confirmada e consagrada pelo sacramento do Matrimónio; mas, ao unir-se, os esposos tornam-se protagonistas, senhores da sua própria história e criadores de um projeto que deve ser levado adiante conjuntamente. O olhar volta-se para o futuro, que é preciso construir dia a dia com a graça de Deus, e, por isso mesmo, não se pretende que o cônjuge seja perfeito. É preciso pôr de lado as ilusões e aceitá-lo como é: inacabado, chamado a crescer, em caminho.*” (Francisco, *A Alegria do Amor*, 2016, n. 218).

É bem claro que a Igreja tem de assentar na Família a

sua presença no mundo, fazendo-se “família de famílias”, comunidade de comunidades de amor à semelhança de Deus que é família: Pai unido ao Filho num amor perfeito a que chamamos Espírito Santo. Indo um pouco mais longe: não só “família de famílias”, mas família para as famílias, ou seja, comunidade onde as famílias se sentem acolhidas, integradas, apoiadas e em comunhão, e que é atenta e solícita para acompanhar as famílias nos diferentes estádios da sua caminhada de vida, com as alegrias e tristezas, sonhos e desânimos, êxitos e dificuldades que vão aparecendo nessa caminhada.

É também claro que, sendo “família de e para famílias”, nada do que diz respeito à Família pode ser estranho à Igreja: a descoberta do relacionamento homem-mulher, a fecundidade e a fertilidade do casal, o direito à vida desde a conceção à morte natural passando por todas as etapas intermédias, a educação dos filhos, a política económica e laboral, o ambiente em que vivemos, etc. Não falta trabalho às famílias que se assumem como Igreja!

Sem secundarizar ou menosprezar o trabalho dos pastores – antes auxiliando, complementando e reforçando a sua missão própria – não podemos negar o papel insubstituível das famílias na construção desta relação de amor familiar e eclesial. O amor experimentado e vivido no seio do casal e da família traz consigo a exigência dum coração alargado, aberto aos outros, disponível para acompanhar, numa relação pessoa a pessoa, casal a casal, família a família, que não “mete tudo no mesmo saco” ou aplica a mesma receita para todos, mas pelo contrário considera cada situação específica e atua em conformidade. Esta missão eclesial das famílias pressupõe que se preparem, se formem, se cultivem, rezem, para serem capazes de compreender e ajudar as outras famílias na sua caminhada. Diz o povo que “ninguém dá o que não tem”.

Os casais equipistas, e por extensão as suas famílias, têm a sorte – melhor diria: têm a graça e a bênção – de dispor de “ferramentas” que os capacitam a um papel importante nesta pastoral familiar de construção da “família de famílias”. Senão vejamos: estão habituados a conviver, a rezar juntos, a aprofundar a sua formação, a partilhar sucessos e problemas, a entreajudar-se em horas difíceis, a formar pequenas comunidades de vida fraterna. Muito mau seria, porém, se a vida de cada ENS ficasse por aí, ou seja, se as equipas se fechassem sobre si mesmas e o seu horizonte eclesial ficasse confinado à vida da equipa, ou no máximo às celebrações e peregrinações do Movimento que integram.

Diz-se que Deus não chama os capazes, antes capacita os que chama. Pelas dinâmicas próprias do Movimento que integram, os equipistas estão a ser capacitados de modo singular para este papel evangelizador das famílias. Têm ainda a possibilidade de, nessa missão, se entreajudar: sem violar a intimidade das famílias que estiver a ajudar, cada casal sabe que, para que a sua ação evangelizadora seja fecunda, pode contar com o conselho, a experiência, a oração dos outros casais. É importante, por isso mesmo, que os casais sejam também sinal de comunhão eclesial numa perspetiva alargada, isto é, que se integrem nas suas comunidades locais, que trabalhem em comunhão com os outros movimentos e estruturas pastorais paroquiais e vicariais, que acolham a riqueza e a fecundidade da diversidade de carismas que se manifestam, que procurem conhecer de perto as realidades dessas mesmas comunidades para nelas poderem ser evangelizadores atentos e próximos. Apoiados na retaguarda que é a equipa, podem ter também um papel relevante de “fazer Deus

presente” através da participação nas estruturas sociais, políticas e económicas.

As experiências de trabalho conjunto entre agentes locais da pastoral familiar e movimentos da área da Família – quer as que vivo no Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar quer as que vou conhecendo nos contactos com as 22 vigararias da nossa diocese – têm reforçado em mim esta convicção de que, também na Igreja, “a união faz a força”, e que os diferentes contributos resultantes dos vários carismas presentes têm permitido uma pastoral familiar mais consistente e mais próxima, que passo a passo vai ajudando a construir a Igreja “família de famílias”. Continuemos, pois, de mãos dadas para que nesta caminhada conjunta o Deus-Família se revele cada vez mais às famílias e comunidades em que nos inserimos e delas faça verdadeiras comunidades de amor.

Ângelo Soares
Secrº Diocº Pastoral Familiar

REFLEXÕES

QUARENTENA OU TEMPO DE REFLEXÃO



Não é da minha lembrança, e penso que ninguém passou por uma situação como esta que estamos a passar. Já não há mais notícias no mundo. Não sabemos

se há pessoas a morrer de fome, se há guerra na Síria, se os desgraçados que chegam à Grécia, à Ilha de Lesbos se estão bem ou se já morreram. O mundo parou. As televisões, os noticiários massacraram-nos com tanto coronavírus. Como é que um vírus, coisa tão minúscula, que ninguém consegue ver a olho nu, vindo lá duma cidade que apesar de ter mais população que Portugal, eu nunca tinha ouvido falar, mas também não admira dada a minha ignorância. O que é certo é que paralisou o mundo e o medo, a incerteza, a ansiedade tomou conta de nós.

Perante tal situação temos de nos interrogar: O porquê e para quê de tudo isto?

Então porque é que tudo isto acontece?

O homem na sua prepotência pensa que domina o mun-

do. Se percorrermos um pouco a primeira Exortação Apostólica do Papa Francisco dos números 55 a 60, o Santo Padre ajuda-nos a compreender o PORQUÊ de tudo isto. Fala-nos da idolatria do dinheiro. Criámos novos ídolos. “A adoração do antigo bezerro de ouro (Ex32, 1-35) encontrou uma nova e cruel versão do fetichismo do dinheiro e na ditadura de uma economia sem rosto” e “enquanto os lucros de poucos crescem exponencialmente, os da maioria situam-se cada vez mais longe do bem-estar daquela minoria feliz... a ambição do poder e do ter não conhece limites. O Papa é muito claro quando cita S. João Crisóstomo, grande Doutor da Igreja do séc. IV, Arcebispo de Constantinopla, que afirma só isto, vejam bem: “*Não fazer os pobres participar dos seus próprios bens, é roubá-los e tira-lhes a vida. Não são nossos, mas deles, os bens que aferrolhamos*”. O que nos leva a concluir que o mundo e a consciência dos ricos pouco mudou ou até piorou nestes 16 séculos. O dinheiro deve servir e não governar, os ricos devem ajudar os pobres, respeitá-los e promove-los, diz o Santo Padre.

Se passamos para o campo da natureza e a maneira como ela tem sido tratada. Assinam-se contratos a nível mundial em que as potências que mais poluem não os

assinam e se os assinam não os cumprem e chegam os prepotentes deste mundo que julgam que tudo mandam e que até se podem substituir a Deus e vem uma União Europeia em que até excluem nome de Deus na Constituição quando a Europa se existe foi graças a tantos mosteiros, monges, santos. Papas que a defenderam da destruição da barbárie. Tudo isto se esquece porque o homem ao esquecer-se de Deus esquece-se também do homem. Rejeita a fonte, onde todos devem beber e procura matar a sede em “cisternas secas ou contaminadas” como diz o Profeta Jeremias. Todos nós conhecemos este ditado: “Deus perdoador sempre, o homem, às vezes, a natureza nunca perdoador”. E aí está porque é que ela, a natureza, se está vingando. Será que vamos aprender a lição?

Para quê tudo isto? O futuro vai ser diferente. Como?

Não se sabe. Mas temos confiança e esperança, que nos vem de Cristo ressuscitado, que tudo será bem melhor. Temos de cair na conta de que precisamos de Deus na nossa vida.

Já está a ser tudo diferente. Começamos pelas nossas autoridades. Aquando dos incêndios, com todo o respeito, comportaram-se muito mal. Para desfazer essa ideia é vê-los a todo o momento a tomar conta da situação. Vejam o que se passa com a dedicação dos nossos enfermeiros, do pessoal auxiliar e dos médicos. A sua dedicação toca-nos a todos. Vejam a solidariedade que está surgindo em tantas instituições cristãs ou não cristãs. Deixem-me fazer um parêntesis. Quando toca a caridade é sempre cristã! Os restaurantes fecharam, mas há tantos que confeccionam a comida e a levam ou aos que estão a labutar em serviço dos doentes ou outros, que até pessoalmente conheço, que confeccionaram centenas de refeições para oferecer aos pobres e aos agentes de segurança para passarem melhor a Páscoa.

E a vida dentro da Igreja melhorou ou não? Tenho a certeza que nunca se rezou tanto, que as pessoas em família

se uniram muito mais, que a vivência cristã em intimidade com Deus já vai ser muito maior e aquela fome que sentimos de comungar vai-nos levar à Eucaristia com mais desejo de nos transformar mais e mais em Cristo, cristificando-nos pois Ele é o nosso verdadeiro alimento. Que abençoada fome vai em nós!!!

Para quê tudo isto? Para eu pensar que não sou senhor do mundo, que afinal sou muito pouco pois um ser invisível muda completamente a minha vida e que só há um que não engana, quer aceitemos quer não: DEUS.

Uma palavra de muito apreço e admiração para com o Santo Padre e os nossos Bispos. Que beleza aquela Via Sacra, a Vigília Pascal em espaços tão vazios, mas cheios de corações sofridos mas esperançosos que, por todo o mundo e em comunhão com o Santo Padre, sentiu a comunhão da Igreja em torno de Cristo e do seu representante, viva e presente! E os nossos Bispos que souberam numa sexta-feira que as Igrejas iam ser fechadas como entusiasmaram os seus padres a puxar pela imaginação para que não faltassem as celebrações e outras manifestações religiosas através dos meios mais modernos da tecnologia.

Conclusão: Vamos tirar grandes lições para a nossa vida: A importância da família, uma relação de intimidade e abertura entre pais e filhos, que os nossos professores, ao menos agora, se sintam dignificados na sua missão, e um obrigado saído coração aos bombeiros (INEM), aos médicos, aos enfermeiros, aos polícias militares e aos nossos governantes que aprendam que é governar para o povo e não servir-se do povo. Valores evangélicos vividos, problemas dos homens resolvidos. Temos de “ser OUSADOS” na nossa vida!

Termino com o Salmo 94 que rezamos todos os dias no Ofício de Leitura “*Se hoje ouvirdes a voz do Senhor não fecheis os vossos corações...*”

P. Alberto de Sousa SJ
(CE / Porto 130)



A FORMA SUBTIL COMO DEUS PAI NOS ENSINA A SER FILHOS...



Fui desafiada por uma Amiga a escrever estas (parcas) palavras. Chamo-me Lígia Ferreira, tenho 30 anos. Exerço a minha profissão de Nutricionista ao serviço de uma grande empresa da área da Alimentação Coletiva e Restauração... num

Hospital.

E, se liderar uma equipa de trabalho numa cozinha de um Hospital é, por si só, um desafio diário, em tempos de Covid-19 muito mais! Não porque o caos que se vive no Hospital me afete diretamente, mas por todos os “danos colaterais” que provoca.

Trabalho numa cozinha, como disse. Não contacto diretamente com o serviço de urgências, onde diariamente chegam pessoas doentes e potencialmente (provavelmente, diria) infetadas com o novo coronavírus. Não contacto diretamente com os doentes internados, ligados a ventiladores ou não. Não uso “fato de astronauta” no meu serviço, nem tenho de tomar banho antes, durante e depois do meu trabalho. Não tenho, felizmente, de alugar uma casa perto do meu local de trabalho, de forma a não prejudicar quem vive comigo. Não tenho (ainda) marcas no rosto pelo uso dos equipamentos de proteção individual, como as máscaras. Mas vejo isto tudo, todos os dias!

Assumir as regras e cuidados obrigatórios (e necessários), não é sempre fácil. Fazer com que uma equipa de 30 pessoas, com quem forçosamente se contacta diariamente dentro do mesmo espaço, cumpra procedimentos e tenha cuidados redobrados... não é fácil nunca.

Trabalho com segurança, sim, mas com medo. Medo por mim, e medo por cada uma das 30 pessoas que comigo trabalham. Uma maçã podre facilmente apodrece toda a fruteira... e neste momento em que vivemos, pensar apenas em si próprio é não só uma atitude egoísta, como sobretudo perigosa. Mais do que nunca, atravessamos um período em que a preocupação com o outro que está ao nosso lado é também uma constante, tanto ou mais importante do que a preocupação com os nossos próprios atos!

Vejo profissionais de saúde com medo, e ao mesmo tempo com um qualquer escudo de defesa que os faz lutar diariamente pelo bem-estar daqueles que “lhes entram porta dentro”, como se “medo” não existisse nos seus dicionários.

Se preferia estar em casa? Claro que sim. Mas ao mes-

mo tempo, embora não vista o “fato de astronauta”, também sinto que o meu trabalho é importante. Alimentamos Hospitais. Alimentamos também alunos carenciados das escolas perto de nós. Não somos grandes superfícies comerciais, nem espaços comerciais, que aproveitam este período para fazer da sua “caridade” uma forma astuta de “publicidade”. Sim, também vejo isto todos os dias! *“Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita, para que a tua esmola seja dada em segredo; e teu Pai, que vê em segredo, ele mesmo te recompensará publicamente.”* (Mt 6, 3-4). Por vezes questiono-me se, aquelas crianças a quem a escola dá uma refeição por dia, fossem com os seus pais bater à porta de um destes espaços comerciais e pedir pão, se lho dariam... E também não é fácil ter as despensas cheias de produtos alimentares, e saber que vai faltar o pão em casa de tantas pessoas à nossa volta. Colegas de trabalho, talvez, que por força do encerramento das escolas se vêm obrigados a ficarem em casa com os filhos, e alguns a ficar mesmo sem o seu posto de trabalho e sustento familiar.

Sim, porque ao mesmo tempo, e além das nossas profissões e dos nossos trabalhos e dos “adamastores” que encontramos sempre que saímos de casa, há também o mais importante: o meio familiar. Em minha casa somos três. Dois adultos... e um gato! O meu marido não é profissional de saúde, nem trabalha num hospital, mas vai trabalhar todos os dias. Feliz ou infelizmente... Deus o saberá! Os nossos hobbies tiveram de ficar esquecidos, assim como os nossos passeios, e até as nossas famílias com as quais agora só contactamos via chamada telefónica ou videochamada. Temos medo do que está do lado de fora da porta, e quase temos medo um do outro. Eu tenho! Mas nem tudo é mau... nesta fase há pais, p.ex., que descobriram que têm filhos! Forçosamente, temos de passar mais tempo com aqueles que vivem connosco; temos de reinventar o tempo, que nos trazia sempre tanta distração; temos de reinventar as conversas, que passaram talvez de uma ou duas horas de “tempo de antena” para dias inteiros!



Quando este medo começou a fazer-se sentir, tive oportunidade de partilhar um pensamento com uma grande Amiga, e de facto ainda hoje penso nisto... Na historia da humanidade, desde o livro do Génesis, foram vários os surtos, pestes e afins que a humanidade teve de enfrentar. Muitas mortes, muitas mudanças de estilo de vida, mudança de consciências... Quem sabe não é o Criador a dar uns abanos bem dados na Sua Criação, a dizer "hey, calma aí, vocês pensam que mandam nisto tudo mas não mandam nada! De repente, ponho-vos na linha!"?! E de repente baixamos a guarda, resguardamo-nos aquilo que é o essencial, paramos o tempo e o espaço, e rezamos por misericórdia... De repente o amor e a solidariedade passaram a ser

as palavras de ordem!... Dá que pensar na forma tão subtil como Deus Pai (eventualmente) nos ensina a ser Filhos...

Lígia Ferreira



A DÉCIMA PRAGA



Figura 1. O renascimento da fénix

infantil a libertação dos judeus da escravidão do Egípto está, para muitos de nós, apenas uns pontos acima das fábulas de La Fontaine. É uma história com moral, bonita, que acaba bem, tem vilões e heróis, e fundamenta-se, de forma colorida e apetecível, em algo espantoso, que não passaria pela imaginação do mais criativo, mas que nos diferencia de outros credos: a Ressurreição, pilar gigantesco e complexo da nossa Fé, a Fé duns tantos sortudos onde eu me considero incluído. Mesmo nas culturas mais desenvolvidas da Antiguidade, os Deuses eram uma espécie de super-homens com super-heróis e super-vilões, com as virtudes e os defeitos dos pequenos e insignificantes habitantes do planeta que os veneravam. Havia uma relação de forças que justificava o poder e a diferença entre Deuses e Mortais. Eram uma extensão, mais ou menos hiperbólica, quiçá patética, dos desejos e medos dos seres humanos da época. Ressuscitar dos

Como era a minha diferente.

Páscoa, como vejo agora a Páscoa.

No nosso imaginário

infantil a libertação dos judeus da escravidão do Egípto está, para muitos de nós, apenas uns pontos acima das fábulas de La Fontaine. É uma história com moral, bonita, que acaba bem, tem vilões e heróis, e fundamenta-se, de forma colorida e apetecível, em algo espantoso, que não passaria pela imaginação do mais criativo, mas que nos diferencia de outros credos: a Ressurreição, pilar gigantesco e complexo da nossa Fé, a Fé duns tantos sortudos onde eu me considero incluído. Mesmo nas culturas mais desenvolvidas da Antiguidade, os Deuses eram uma espécie de super-homens com super-heróis e super-vilões, com as virtudes e os defeitos dos pequenos e insignificantes habitantes do planeta que os veneravam. Havia uma relação de forças que justificava o poder e a diferença entre Deuses e Mortais. Eram uma extensão, mais ou menos hiperbólica, quiçá patética, dos desejos e medos dos seres humanos da época. Ressuscitar dos

mortos é uma conversa totalmente diferente.

Páscoa ou Pessach da tradição judaica, é a festividade que celebra a passagem do Anjo pelo Egípto deixando, sucessivamente, as 10 pragas prometidas e causando grande mortandade entre o povo escravizador. Não significa passagem do Mar Vermelho. Os que não acreditaram nas palavras de Moisés ou estavam distraídos e não estavam sinalizados, com as ombreiras das portas marcadas com o sangue do cordeiro, as casas dos judeus no Egípto, esses foram vítimas.

Também nos dias de hoje algo de terrível aconteceu e aqueles que pensavam num mundo antropocêntrico, baseado na inteligência humana diferenciadora e na sua capacidade técnica, num mundo que escraviza pela cegueira e pela distração dum homem que esqueceu a sua dimensão e se compara a Deus, dum povo que gasta metade da vida a ganhar o dinheiro e outra metade a gastá-lo, que corre atrás da ilusão da felicidade fácil ao mesmo tempo que suja e destrói o planeta, a sua casa, de repente, surge algo tão pequeno como um vírus, algo que ataca o homem e o mata sem este conseguir ver. Pior que isso, a vida do ser humano passa a depender, exclusivamente, de algo que ele não

construiu nem desenhou: o sistema imune! Nenhum fármaco inventado ou descoberto pelo Homem é eficaz contra o vírus. É a diferença entre o tamanho do vírus e a imagem que o ser humano tem de si próprio. Maior que a mortalidade física foi a mortandade na consciência narcísica do Homem. O seu erro fatal foi sempre não perceber que povo escolhido não significa espécie dominante. Fomos escolhidos para, através da inteligência e da liberdade louvar a obra do criador, honrar a vida e garantir a Harmonia e a Paz.

Naqueles com sistema imune atento o vírus não matou; Como no Egípto os que estavam atentos à palavra de Moisés. Aqueles que cumpriram as regras de higiene, as abluções rituais, que marcaram as ombreiras com o símbolo da Fé judaica, o sangue do cordeiro.

A travessia do deserto foi longa e Moisés teve o privilégio de ser o único que presenciou a Partida e viu ao longe a Chegada. Na verdade, foram as crianças, filhas dos escravos judeus do Egípto, que entraram na Terra Prometida. Também na 11ª praga foram as crianças que se salvaram. As crianças e os jovens com o seu sistema imune, rápido e certo, serão os pilares da saúde e da resposta aos "vírus da modernidade" na travessia do deserto que se avizinha, lançada que está a

praga, a 11ª praga. A segurança grupal, fundada na imunidade que a inocência concede às crianças, permitir-nos-á a todos voltar a aproximarmos-nos e dar as mãos. Dar o abraço que já nos falta há tanto tempo. Dar o beijo que une e que sela os laços de sangue e de amizade. Rir e estar sem medo e sem preconceitos. Então Jesus disse: Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam: Pois o Reino dos Céus pertence aos que são semelhantes a elas” (Mateus 19:14)

E as crianças ajudaram os velhos a fazer o caminho do deserto protegendo-os com a sua vitalidade deixando um rasto de Esperança em cada pegada na areia. Fica para os velhos a obrigação de lhes contar o que foi a sua escravidão tecnológica e a ilusão do poder e do ouro. E elas estarão preparadas para ouvir e passar às gerações vindouras.

O vírus fez mortos, é verdade, mas só assim o sinal teria valor de testemunho, de anúncio, de prova. Só assim seria ouvido, visto e sentido com o coração. É a linguagem que o ser humano, todos os seres vivos, compreendem. Também Cristo morreu na cruz e muitos milhares como ele. Só a morte dá sentido à vida. Mas o terror e a ansiedade vivida pela humanidade fizeram e vão continuar, infelizmente, a fazer, muitos mais estragos. Tal como os discípulos, tivemos medo, escondemo-nos, escondemos as nossas caras para não ser reconhecidos pelos soldados romanos, pelos vizinhos, renegámos a família e viramos a cara com terror aos amigos. Com medo de ser contaminados. Coitados de nós, ainda não temos o vírus e já estamos tão doentes. Doentes de medo.

“A morte tornou-se obscena e por isso não se fala dela”, dizia o Prof. Walter Osswald, há tempos, numa entrevista, pouco antes de completar 90 anos. Mas, digo eu, haverá alguma coisa mais certa do que a morte? “A

morte é certa, a hora incerta”, diz o povo. Parodiando, talvez, só mesmo os impostos sejam mais certos e a horas certas, e pior ainda vai ser já, dentro de poucos meses, quando nos vierem cobrar o que o medo gastou... Mas porque viramos a cara à morte tantas vezes? É pelo medo de sofrer fisicamente na hora final? É pela despedida dos entes queridos? É porque nos habituámos a gostar deste mundo e de tudo o que ele nos oferece? Num livro intitulado *Seven graves, One Winter*, o autor, o norueguês Christoffer Petersen, descreve a remota comunidade ártica de Inussuk onde é habitual no fim do verão cavar sete sepulturas antes do chão congelar. À medida que o inverno se aproxima a pergunta que sempre se coloca é se serão suficientes. Nesta obra, o argumento da ficção é sobre política, assassínio e corrupção, mas o que importa é que nessa localidade, mercê das características locais, se tornou habitual, e obrigatório, lidar com essa realidade sendo que as próprias crianças, desde a mais tenra idade, assumem. Não são feitas apenas no dia do funeral. As sepulturas estão ali durante dias, semanas ou meses, como prova da finitude do ser humano e isso dá outro valor a cada momento que se vive e se respira. O vírus, com a sua acção fatal, acentuada pela ridícula dimensão, vem-nos lembrar a nossa fragilidade real e a vida como uma passagem. Não devia ser, mas tornou-se uma surpresa e o pânico instalou-se. O medo não é mais que a morte antecipada. Não a morte física, mas a perda da felicidade enquanto perda da Esperança, enquanto perda do bem-estar, da harmonia e da paz. Desta forma, com o medo, o sofrimento alargou-se e o monstro alimentou-se e engordou.

Quando se olha para os 100.000 anos de história do ser humano moderno, tal como o conhecemos, ficamos assombrados com a forma como

sobreviveu. Hoje entendemos que não há infecção que se trate sem antibiótico. Pois bem, os antibióticos surgiram com Fleming em 1928. Há menos de 100 anos. Este o outro factor de impotência que fere profundamente o orgulho tecnicista e científico do Homem e o confunde: não tem tratamento, estamos como há 100.000 anos! Resta a esperança que o sistema imune cresça e faça o seu trabalho. Aquele sistema que já o faz desde tempos imemoriais, garantiu a sobrevivência da espécie, e o tem feito toda a nossa vida.

Não foi o homem que criou o sistema imune. Estamos dependentes de algo que não controlamos. Isso dói e assusta. A razão já não chega. É preciso acreditar com o coração. E aceitar! Foi o que aconteceu aos discípulos quando Jesus morreu na cruz. Eis o homem, *Ecce homo*, como lhe chamara Pôncio Pilatos enquanto fazia a higiene das mãos, lavando-as para se libertar do “vírus da culpa”, *Ecce homo* que tantos milagres fez, *Ecce homo* que pereceu às mãos do “vírus da tirania” romana como um malfeitor vulgar, como outro homem qualquer, *Ecce homo* que foi “infectado” pelos seus próprios conterrâneos, pelo seu povo. À semelhança do que foi feito na 11ª praga, também foi libertado um recluso nessa altura. Uma espécie de bula para perdão dos pecados de cada um. Trocaram o filho de Deus por um Barrabás. Mentos enlouquecidas e confusas, pois esse “vírus” parece provocar cerebrites, tal como o da 11ª praga. E esqueceram-se dos sinais. Dos milagres. A razão falava uma língua incompreensível e o coração estava mudo e ensombrado pelo medo, pela nuvem da dúvida, pelo receio de serem eles que morreriam a seguir. Na realidade, o medo não era a morte, mas a morte era o medo! A coroa de espinhos cravada no couro cabeludo de Jesus Cristo esmagava o Rei dos Judeus e a ameaça ao Impé-

Romano; e era pouco comparado com o *Corona* e os seus peplómeros ou espículas típicas mergulhadas na nossa alma amedrontada dilacerando a esperança personificada na tecnologia e nas conquistas científicas, orgulho e segurança, tão frágeis afinal, com que contávamos para nos defender de todas as eventualidades e do Império da Morte. Como os judeus contavam com um Cristo poderoso que derrotaria todos os seus inimigos pelo fio da espada ou convocando os anjos do céu. Nada estava mais errado, nada está mais errado. Todos nós, agora e há 2.000 anos, pensámos mal. Não é a força que liberta, mas a fraqueza. Não é pela força que se vive, mas pela morte que se renasce todos os dias. Não é pela certeza que se ganha o céu, mas pelo perdão que se conhece a Paz.

Ovídio, na sua obra metamorfoses, já se refere à Fénix da Assíria que se alimentava de óleos de bálsamo e gotas de olíbano, e que morrendo consumida pelas chamas que ela própria ateava, renascia das cinzas. A descrição mais inspiradora pertence ao poeta persa Farid al-Din Attar, no seu livro intitulado *A Conferência dos Pássaros*, publicado em 1177.

"Na Índia vive um pássaro que é único. A encantadora fénix tem um bico extraordinariamente longo e muito duro, perfurado com uma centena de orifícios, como uma flauta. Não tem fêmea, vive isolada e o seu reinado é absoluto. Cada abertura no seu bico produz um som diferente, e cada um desses sons revela um segredo particular, subtil e profundo. Quando ela faz ouvir essas notas plangentes, os pássaros e os peixes agitam-se, as bestas mais ferozes entram em êxtase; depois todos se silenciam. Foi desse canto que um sábio aprendeu a ciência da música. A fénix vive cerca de mil anos e conhece de antemão a hora da sua morte. Quando ela sente aproximar-se o momento de retirar o

seu coração do mundo, e todos os indícios lhe confirmam que deve partir, constrói uma pira reunindo ao redor de si lenha e folhas de palmeira. No meio dessas folhas entoa tristes melodias, e cada nota lamentosa que emite é a prova da sua alma imaculada. Enquanto canta, a amarga dor da morte penetra no seu íntimo e ela treme como uma folha. Todos os pássaros e animais são atraídos pelo seu canto, que soa agora como as trombetas do Último Dia; todos se aproximam para assistir ao espectáculo da sua morte, e, pelo seu exemplo, cada um deles determina-se a deixar o mundo para trás e resigna-se a morrer. De fato, nesse dia um grande número de animais morre com o coração ensanguentado diante da fénix, por causa da tristeza de que a vêm presa. É um dia extraordinário: alguns soluçam em simpatia, outros perdem os sentidos, outros ainda morrem ao ouvir o seu lamento apaixonado. Quando lhe resta apenas um sopro de vida, a fénix bate as suas asas e agita as suas plumas, e deste movimento produz-se um fogo que transforma o seu estado. Este fogo espalha-se rapidamente para as folhagens e para a madeira, que ardem agradavelmente. Breve, madeira e pássaro tornam-se brasas vivas, e então cinzas. Porém, quando a pira foi consumida e a última centelha se extingue, uma pequena fénix desperta do leito de cinzas. Aconteceu alguma vez a alguém deste mundo renascer depois da morte? Mesmo que te fosse concedida uma vida tão longa quanto a da fénix, terias de morrer quando a medida de tua vida fosse preenchida. A fénix permaneceu por mil anos completamente só, no lamento e na dor, sem companhia nem progenitora. Não contraiu laços com ninguém neste mundo, nenhuma criança alegrou a sua idade e, no final da sua vida, quando teve de deixar de existir, lançou suas cinzas ao vento, a fim de que saibas que

ninguém pode escapar à morte, não importa que astúcia empregue. Em todo o mundo não há ninguém que não morra. Sabe, pelo milagre da fénix, que ninguém tem abrigo contra a morte. Ainda que a morte seja dura e tirânica, é preciso conviver com ela, e embora muitas provações caiam sobre nós, a morte permanece a mais dura prova que o Caminho nos exigirá".



Figura 2. Um sinal dos tempos a caminho do meu local de trabalho.

A Alegria da Ressurreição não pode ser maior, tal como a bonança que se segue à tempestade e a serenidade que transborda da vitória sobre o desastre maior, o naufrágio da vida. Que dor ver ramos de árvore a partirem-se debaixo de tempestades, tanta destruição, mas que bom ver as árvores limpas, vivas e viçosas prontas a crescer, verdejar e dar sombra às aves e aos passeantes no verão e frutos saborosos e frescos para nos alimentar e dar vida. Também a praga que se abateu sobre o mundo veio destruir e trazer tristeza e morte. Mas quando acabar, saberemos, se quisermos, que somos a obra do criador, somos os escolhidos não para dominar mas para mostrar o caminho da libertação, não seremos os donos da natureza a qual teremos de respeitar, conhecemos a alegria de estar com os nossos mais velhos e com os nossos mais novos em casa, podemos ser mais felizes a trabalhar menos, a viajar menos, a consumir menos, a comer menos, a poluir menos. Enfim, a viver mais atentos. Não nos iludamos: a felicidade está muito mais perto do que nos querem convencer. O vírus é

pequenino, mas tal como as crianças são pequeninas, é da boca e das ações deles que vêm as verdades. Estejamos atentos e prontos para aspergir as ombreiras da porta do nosso coração para que o nosso sistema imune reconheça o momento de começar a caminhada. Esta foi a primeira Páscoa que eu vivi porque a senti como nunca tinha sentido. Não foi uma Páscoa em família porque estávamos todos separados, cinco pessoas em cinco diferentes cidades de Portugal, Inglaterra e Alemanha. Mas foi uma Páscoa pela família. Não foi

uma Páscoa de comida, nem de viagens, nem de compras. Nem sequer de rituais religiosos, muitas vezes, pelo seu brilho, ofuscam a essência do momento. Foi a 11ª praga lançada pelo anjo a uma terra escravizadora e cega destruidora, em aflição. Podia ser o Egipto, podia ser a China, a Itália ou... o meu coração. Como ser humano e como profissional de saúde senti o medo e senti a libertação. Vi pessoas a vencer o medo para ajudar outras. E essa foi a prova libertadora. Uma prova de responsabilidade, de Liberdade e de Amor. Aquela que ne-

nhum vírus, nenhum romano, nenhum egípcio, nenhum dinheiro ou poder consegue vencer. Na verdade, e pela primeira vez, acredito que renasci na Páscoa e compreendi porque a Páscoa é a Festa.

João Pina

Unidade de Cuidados Intensivos e Intermédios Polivalente, Hospital do Santo Espírito da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Portugal. E-mail: pina.jpa@gmail.com

TRAVIS DO “PARIS TEXAS”, PASSEANDO DE BRANCO NA PRAÇA DE S. PEDRO, VATICANO



Há filmes comoventes que raramente deixam a nossa memória, pelas marcas fortes com que pintam recordações fortes. Assim é a de um homem obscuro,

estranho, de olhar fixamente triste, atravessando o horizonte, deambulando perdido entre desfiladeiros das Montanhas Rochosas, algures no Colorado e Arkansas, ou seguindo uma linha férrea desactivada e ferrugenta. Tudo parece “cheirar” a um mundo perdido e abandonado, por entre camiões semi apodrecidos, sujos motéis sem vitalma, gasoleiras sem qualquer energia. E tudo isto ao lado da mítica Route 66, celebrizada por Jack Kerouac. Travis esse anti-herói, prossegue a sua senda, desconfiado, olhando alturas e nuvens, ao som da música ritmadamente inesquecível de Ry Cooder. O homem de boné vermelho, só na aparência deambula, em busca de um caminho que, de acordo com um título de M. Heidegger, não leva a lado nenhum. O som do vento, uma águia das alturas, a crueza dos picos inóspitos parecem desencorajar Travis, arrastando os pés à procura de uma mítica Paris, no Texas, que lhe reabilite o seu mundo interior, lhe restitua a memória, a família e o amor. Wim Wenders concebeu uma obra-prima e ganhou a Palma de Cannes, em 1984.

Nos inacreditáveis dias que vivemos, confinados à Incerteza, desabituaados da tarefa de ter de enfrentar a Dúvida, sem apelo nem agravo, apenas aproximados de um

metafísico Génio Maligno, invisível na aparência, mas hipervisível nos efeitos tenebrosos, somos convocados ao silêncio, arremessados contra o muro da Imprevisibilidade, desconfiados de tanta informação desconstruída e contraditória, acenando-nos de longe ou perto, com a foíce do “Sétimo Selo” de Bergman.

E, no entanto, olhamos o calendário desta “espuma dos dias”, recordamos a Semana Santa, os seus rituais, as suas liturgias, o mundo bíblico repetido, ano após ano, nas Igrejas Católicas e/ou retransmitido pelas televisões, com o intangível aqui à mão, onde o Transcendente se desdobra em tantos sentimentos e recordações de vida que teimamos querer transformar em Vida. Mas como, perante este tsunami, este ciclone, este louco desenrolar das incertezas e, digamo-lo a sério, medos?

Mas eis que todas as janelas informáticas se abriram, subitamente! Aparece um “outro” Travis, triste, cansado, de rosto fechado. Vestido de branco, caminha devagar à chuva, ao longo da imensa praça romana de S. Pedro, transportando na cara todo o sofrimento do Mundo. Sabe que não vai pedir milagres, ele que, químico de formação, prefere a bondade e a misericórdia. Em vez da música líquida de Ry Cooder, acompanha-o o fundo musical de um Silêncio profundo, de uma voz interior que não pode deixar de ser senão Oração. Francisco trouxe ao mundo, em vez de uma terrena e ideal Paris Texas, uma Jerusalém Celeste, capaz de nos lembrar, mais ou menos crenças, agnósticos ou ateus, que ser Homem é precisar do Outro, sempre e em qualquer circunstância, que Cristo pode dar-nos a ajuda do Seu Amor, mas temos de ser nós e descobri-Lo no rosto do nosso irmão que sofre, que vive

apenas sobrevivendo, que só há um caminho para chegarmos à pacificação interior: viver, partilhando, criar o que nos falta e que nos parece efêmero que é dar sentido a todas as formas de expressão que nos constituem como verdadeiros filhos de um Pai: a Palavra dirigida a quem dela mais precisa e é decisiva para o Coração do Mundo.

Não. Francisco não foi o actor de um filme, não representou num cenário magnífico, numa Praça feita

“mundovisão”. Ele foi a verdadeira Humanidade, aquela que se lança à procura de uma cura que a todos liberte de todas as impurezas: armas, vírus, avarezas, desrespeitos pela Vida, prepotências e afastamentos da Natureza e seus seres, forças e equilíbrios.

Manuela e José Melo – Porto /97, Sector F

10 MEDITAÇÕES EM TEMPO DE QUARENTENA

1. Uma agenda inútil e absurda



Estávamos a fazer planos para a Semana Santa, quando um **bichinho microscópico**, mas terrivelmente infeccioso para o nosso organismo, desbaratou não apenas o que pensávamos fazer, mas também tudo o que estávamos a fazer. Sozinho, ele **tirou-nos das nossas rotinas** particulares e impôs-nos uma rotina geral: o confinamento nas nossas casas.

Lembrando **o que fiz ontem**, dou-me conta que **não tem muito a ver com o que estava na agenda**. E se olhar para a agenda de hoje, descubro que o que escrevi nesse dia dificilmente corresponde ao que estou a fazer. E assim, **essa agenda cheia de tarefas e compromissos** que até há pouco consultávamos várias vezes ao dia **tornou-se de repente inútil e absurda**. Inútil, porque enquanto durar esta situação, há tarefas e compromissos aos quais não podemos responder. E absurda, porque a situação criada requer um planeamento diferente. Um planeamento que nos permita distribuir o tempo de outra maneira, com propostas completamente diferentes daquelas que escrevíamos alguns dias atrás.

Passamos a vida a fazer planos; mas quase nunca pensamos quão frágil é o suporte que nos permite levar a cabo esses planos. **A vida e a saúde são esse grande suporte que nos permite realizar tudo o que sonhamos**, projetamos, decidimos e realizamos. Mas esse grande suporte é enormemente frágil. Não dependem dos nossos méritos, nem dos nossos cuidados e esforços. Como nos diz Jesus no Evangelho: *“Quem de vós, por mais que se esforce, pode juntar uma única hora ao tempo da sua vida?” (Lc 12, 25).*

2. A vida é frágil e insegura

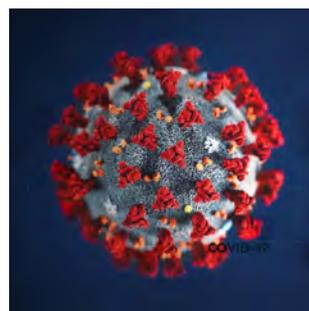
Embora os idosos sejam o grupo com maior risco de serem afetados pelo COVID-19, soubemos que, a 18 de março, um guarda civil, Pedro Alameda, de 37 anos, que



não apresentava patologias anteriores, faleceu por causa do coronavírus. **Uma epidemia como esta ajuda-nos a perceber que a vida é frágil e insegura para todos**, e em todas as fases da vida.

Francisco de Rojas, na sua obra “La Celestina”, escreveu: *“Ninguém é tão velho que não possa viver mais um ano; nem tão jovem que não possa morrer hoje”*. É uma frase retumbante, mas cheia de verdade. Mas preferimos ignorar esta verdade. Como fazemos? Colecionando coisas, fundamentalmente bens. Esses bens oferecem-nos a falsa segurança de contar com algo a que recorrer em caso de nos faltarem. Mas a verdade é que, **quando uma doença grave ou uma epidemia como esta nos atinge, damo-nos conta de quão pouco vale o cartão de crédito**.

3. Gigantes com pés de barro



O ser humano, que é capaz de fecundar um óvulo com um espermatozóide fora do útero, de clonar uma ovelha de uma célula adulta, ou de realizar a sequência completa do genoma humano... contempla hoje, com **uma mistura de perplexidade e estupefação**, como um agente microscópico, infeccioso e acelular é capaz de alterar completamente a sua vida. Isto mostra claramente, ao mesmo tempo, a nossa grandeza e fragilidade.

Somos como aquele gigante com pés de barro que o rei Nabucodonosor II sonhou, e cuja interpretação foi dada pelo profeta Daniel (cf. Dn 2, 26-45). **A epidemia provocada pelo coronavírus ajuda-nos a sair desse pedestal ao qual, impelidos pelo orgulho, a vaidade e a arrogância, tínhamos subido sem nos apercebermos**.

4. Cidadãos exemplares... e não tanto



No sábado, 14 de março, no encontro do primeiro-ministro com os meios de comunicação, gostei da alusão ao **exemplo de generosidade que os nossos**

idosos nos deram durante a passada crise económica, e como das suas pensões saiu o dinheiro para encher a despesa, cobrir gastos ou pagar a pensão alimentar dos netos universitários. E o convite que nos fez para **demonstrar agora o que aprendemos com o seu exemplo e o seu amor: protegendo-os** e cuidando deles.

A verdade é que **a maioria dos cidadãos está a ter um comportamento exemplar**. Não apenas cumprindo as normas que as autoridades de saúde e o governo decretaram, mas preocupando-se com os outros. Há pessoas que passam todos os dias, de porta em porta, perguntando aos seus vizinhos mais idosos se estão bem, se precisam que lhes façam algum recado ou que lhes retirem o lixo. A partir desse sábado, dia 14, todas as noites às 20 horas muitas pessoas e famílias vão às janelas e varandas das suas casas para **reconhecer com um longo aplauso a dedicação e o valor com que os profissionais de saúde e outros profissionais de serviços básicos estão a realizar o seu trabalho**. Na quarta-feira 18, a epidemia atingiu a primeira vida entre os profissionais de saúde. O nome dela era Encarni, tinha 52 anos e era enfermeira no Hospital Galdakao. Tinha atendido o primeiro paciente que morreu em Bizkaia por causa do COVID-19 e foi infetada.

Mas esse vírus está a retratar como todos e cada um de nós somos. Bem, há cidadãos que preferem amealhar papel higiénico, leite, ovos, etc., como se o mundo estivesse a acabar. *“Insensato! Se amanhã caíres com o coronavírus, de que serve tudo o que acumulaste?”* (cf. Lc 12, 20). Há jovens que se oferecem como **voluntários** na Cáritas, no Banco Alimentar ou noutras ONGs. Há pessoas que doam sangue, escrevem cartas de encorajamento aos doentes hospitalizados e incomunicáveis ou realizam outras ações altruístas. Mas também existem **pessoas sem alma** que fazem correr boatos para espalhar o medo, ou tentam roubar os idosos fazendo-se passar por inspetores de não sei que instituição inventada, ou tentam burlar através da Internet.

5. Não ficarmos na superfície mais visível

No sábado, dia 21, a figura televisiva Olga Viza disse na Rádio Nacional de Espanha que tinha ido no dia anterior visitar um familiar que estava doente com outro problema num hospital e lhe chamou a atenção **o aplauso que os**



médicos e as enfermeiras deram à equipa de limpeza do centro. E Olga acrescentou: *“O pessoal que faz a limpeza nos hospitais está tão exausto ou mais em contágio*

que os médicos e as enfermeiras. É uma equipa enorme; mas só vemos uma parte, a que é mais visível”. Abrimos uma torneira em casa e corre água ou carregamos num interruptor e a luz acende-se... mas já demos conta da quantidade de pessoas que está por trás de cada um desses “milagres”?

A vida apresenta sempre várias camadas, mas nós, em muitas ocasiões, ficamos na superfície. Nestes momentos, **há muitas pessoas que arriscam as suas vidas para que tudo corra com normalidade** (varredores de rua, os que recolhem o lixo, fornecedores de artigos de primeira necessidade, armazenistas, transportadores, empregados de supermercados, caixas, polícias, técnicos de centrais elétricas, condutores de meios de transporte público, etc.). **No entanto, quem aparece nos meios de comunicação social são os inconscientes** que põem em risco as suas vidas e a dos outros de maneira tonta. Como aqueles dois jovens que estavam a beber com outros e conseguiram fugir num parque público em Silleda (perto de Santiago de Compostela).

6. Crise sanitária, económica e laboral



O coronavírus, ao ameaçar a saúde de todos por igual, traz consigo uma crise de saúde. Porém, além de produzir um incremento extraordinário

nos gastos com saúde e produtos farmacêuticos, está a gerar uma crise económica que, por enquanto, é muito difícil de quantificar. **O encerramento temporário de empresas supõe perda de produtividade e de riqueza**. O encerramento de fronteiras e a suspensão de celebrações (em particular na Semana Santa...) têm um impacto direto e muito forte na hotelaria, no turismo (20% do nosso PIB) e no comércio (os trabalhadores independentes têm de enfrentar custos fixos sem ter qualquer rendimento).

Por outro lado, as famílias serão forçadas a recorrer às poupanças que foram bastante reduzidas pela crise anterior. O plano económico apresentado pelo primeiro-ministro aliviará parcialmente a situação, mas **a recuperação económica será lenta e assimétrica**. **A hotelaria e o turismo tardarão a recuperar**, pois dependerá de como a epidemia evoluir não apenas no nosso país, mas também nos países de origem dos turistas que nos visitam (no ano passado, batemos o recorde: visitaram-nos 82,8 milhões

de turistas).

Tudo isto se torna numa crise laboral: muitas empresas serão obrigadas a reestruturar a força de trabalho, muitos trabalhadores independentes não serão capazes de manter os seus negócios e muitos trabalhadores irão para o desemprego. Como consequência de tudo isto, **a classe média será “reduzida” e o país ficará mais endividado do que já está.** Quem comprar a dívida é quem decidirá. Assim, superaremos a epidemia de coronavírus, mas seremos um país mais pobre e com um Estado de bem-estar social com menos benefícios.

7. As nossas vergonhas a descoberto



O trabalho que os professores estão a fazer com os seus alunos através de sistemas on-line é muito louvável, para que os alunos possam continuar a adquirir conhecimentos, e

o ano académico seja o menos prejudicado possível. No entanto, muitos pais e mães com filhos no Ensino Básico (é aqui que o problema é mais visível) têm sérias dificuldades em trabalhar com o computador e ajudar os seus filhos nas tarefas académicas. **E há uma parte significativa da população** que, por falta de meios, de formação ou de interesse, é **tecnologicamente “analfabeta”.**

E este é um problema sério em três sentidos: 1) O facto de as pessoas estarem o dia inteiro com os telemóveis na mão vendo fotos ou enviando whatsapp não significa que saibam trabalhar com um computador: **confundimos utilização com capacitação;** 2) Dispomos de meios tecnológicos que têm uma capacidade muito superior à que as pessoas têm para os utilizar com proveito. Se me permitem a imagem, temos botas de sete léguas; mas muitas pessoas têm pernas que só lhes permitem dar passos de cinquenta centímetros. No futuro imediato, corremos **o perigo de os meios tecnológicos e a ambição de progredir nos levarem a acreditar que o que é desejável é possível;** e, em prol de tal empenho, deixemos para trás muitas pessoas e famílias. Seria terrível se agora insistíssemos em não deixar ninguém para trás e, uma vez superada a epidemia, e aceite o teletrabalho, as plataformas digitais e outra série de avanços tecnológicos, esquecêssemos aqueles que não conseguem adaptar-se às novas tecnologias. 3) **A pobreza, além de económica, é educativa e afetiva.** Quem não tem meios para se formar e não tem amor corre a corrida da vida com uma enorme desvantagem. Em semelhantes condições, a pobreza não é apenas sofrida, mas é também transmitida de pais para filhos.

8. Dias de misérias e mentiras

Com o passar dos dias, **o confinamento torna-se mais difícil para todos nós.** A 19 de março, uma mulher de 35 anos foi assassinada na sua casa em Almassora (Castellón) pelo seu companheiro diante dos seus dois filhos menores. Em tal situação, de convivência extensa e intensa, **os casos de violência doméstica aumentarão. E aparecerão também vícios, vidas duplas e outras misérias** que algumas pessoas mantêm ocultas.

Tinham planos e mentiras que funcionavam no seu sistema de vida “normal”. Mas, a partir da declaração do estado de emergência, essa normalidade foi quebrada e, à medida que se prolonga a atual situação de confinamento, será difícil urdir mentiras e ajustar todos os elementos sem que os outros se apercebam do que até agora eles conseguiram manter em segredo ou dissimular. Haverá pessoas que sofrerão ao ver-se enganadas ou usadas, e **quando voltarmos à normalidade, muitos relacionamentos de amizade, casais e famílias serão desfeitos.**

Nestes dias está a circular através do whatsapp a declaração de uma cientista espanhola para um grupo de jornalistas: *“Dão a um jogador de futebol 1 milhão de euros por mês e a um biocientista 1.800 euros por mês. E agora eles estão a procurar um tratamento para este vírus; pois, procurem Cristiano Ronaldo ou Messi para que encontrem a cura”.* Trata-se de **uma notícia falsa** (o nome da cientista não é mencionado, nem os jornalistas a quem faz a declaração. Se fosse verdade, eles não teriam tempo para contar tudo). No entanto, o boato contém uma grande verdade subjacente: **o futebol no nosso país está sobrevalorizado.** É verdade que diverte, entusiasma, satisfaz e emprega milhares de pessoas; mas é absurdo que um jogador de futebol possa ganhar quarenta vezes mais que um primeiro ministro, cem vezes mais que um médico ou mil vezes mais que um professor, quando a responsabilidade de um primeiro ministro, de um médico ou de um professor é muito maior e de maior alcance. Dado que todos teremos que apertar o cinto, não chegou a hora de reestruturar economicamente o futebol na primeira e na segunda divisão? **Como se pode entender que um país empobrecido por uma epidemia tenha uma liga de futebol que tem um orçamento económico superior a Investigação e Universidades, luta contra a droga ou contra a violência de género?**



9. Despojados do último adeus em companhia



Na segunda-feira, 16, deveríamos ter comemorado o funeral de uma mulher idosa que morreu na sexta-feira, 13. Mas não se chegou a celebrar porque já estava declarado o estado de emergência, e a família decidiu adiá-lo e celebrá-lo

quando tudo isto passar. No entanto, **ao longo de todos estes dias**, e por diferentes razões, **as pessoas continuam a morrer sem a proximidade dos seus**, e os seus funerais são realizados sem celebração litúrgica.

Esta situação mostra – de maneira gritante e brutal – o caráter insignificante ao qual é reduzida vida humana quando despojada de duas dimensões que lhe são constitutivas: a relacional e a transcendente. **Somos o que somos graças a Alguém, diante de Alguém e para Alguém. E somos com outros que nos ajudam a ser e a quem ajudamos a ser.** Sem esta relação com Deus e o próximo, a vida humana torna-se tão plana e insignificante como a de um cachorro ou um cavalo.

10. Onde está Deus?



No meio desta situação há pessoas que, como o povo judeu no meio do deserto, podem perguntar: onde está Deus? Recordo que **Elie Wiesel, sobrevivente do campo de extermínio de Auschwitz-**

Birkenau, no seu livro de memórias “A noite”, conta como, após a fuga de vários prisioneiros do campo, os alemães escolheram arbitrariamente três prisioneiros, dois adultos e uma criança, para os enforcar e dar um forte aviso aos restantes prisioneiros. Os SS mandaram-nos formar a todos e os pescoços dos três condenados foram metidos em três laços. “Viva a liberdade”, gritaram os adultos. Mas a criança não disse nada. “*Atrás de mim, conta Elie Wiesel, alguém em voz baixa perguntou: Onde está Deus? Onde está? As três cadeiras caíram no chão... os dois homens já não viviam..., mas a terceira corda ainda se movia..., o menino estava a morrer, contorcendo-se na forca... Atrás de mim, o companheiro continuava a perguntar: Onde está Deus? Onde está Deus? E dentro de mim ouvi uma voz que respondia: Onde está? Está aí, pendurado na forca.*”

Podemos reconhecer neste relato o que nos diz o próprio Jesus no Evangelho: “*Os justos perguntar-lhe-ão: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer ou com sede e te demos de beber? Quando estiveste doente e te*

fomos visitar? E Ele responder-nos-á: Em verdade vos digo que tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais necessitados, a mim o fizestes” (Mt 25, 38-40).

Deus está em cada doente afetado pelo coronavírus que se encontra isolado e nos seus familiares que vivem tal situação com angústia. Deus está também **em cada um dos profissionais de saúde** que, apesar de saberem os riscos que correm, fiéis à sua vocação, cuidam dos doentes. Deus está **nas pessoas idosas** que, sozinhas ou nos lares, estão preocupadas e com um certo medo. Deus está nos filhos e netos que protegem, cuidam e atendem os seus pais e avós. Deus está **em cada um dos que fornecem artigos de primeira necessidade**, armazenistas, transportadores, caixas, polícias, condutores de meios de transporte, os que recolhem o lixo, professores, locutores de rádio... que no meio desta situação tornam a nossa vida mais suportável.

Deus está nas famílias em que algum dos seus membros sofre de doença mental. **Deus está em cada pessoa que ajuda os seus vizinhos mais idosos** e lhes trazem proximidade e humanidade neste confinamento. Deus está nos pais e mães que, apesar de preocupados com o seu futuro laboral, fazem as tarefas domésticas, conversam e brincam com os seus filhos, e organizam atividades partilhadas (ver um filme ou as fotos de férias, fazer um karaoke ou uma tertúlia literária...) e, assim, tentam tornar o confinamento mais leve para toda a família. Deus está **em cada pessoa que sofre e em quem faz as coisas pensando nos outros.**

Mikel Martínez

Sacerdote basco, pároco de Nossa Senhora do Carmo de Indatxu /Bilbao)

"CARTA DE AMOR NUMA PANDEMIA VÍRICA"

O ÚLTIMO POEMA DA IMUNOLOGISTA MARIA



Cientista, escritora, professora universitária, Maria de Sousa lecionou em Inglaterra, Escócia e Estados Unidos, depois de ter saído de Portugal ainda durante o Estado Novo, em 1964. Regressaria já no período democrático, em 1985, passando a professora catedrática de Imunologia do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, no Porto.

Poucos dias antes de morrer deixou um pouco de si num poema traduzido pelo médico e poeta João Luís Barreto Guimarães: «Neste poema - um carpe diem - a Professora Maria pede-nos para aproveitarmos o momento - “seize the day” -, enquanto a memória lhe traz um resumo de instantes, mas revela também o que é, para ela, uma cientista, a vida eterna: perdurar na memória dos outros homens. Não é um epitáfio pequeno».

Carta de amor numa pandemia vírica

Gaitas-de-fole tocadas na Escócia

Tenores cantam das varandas em Itália

Os mortos não os ouvirão

E os vivos querem chorar os seus mortos em silêncio

Quem pretendem animar?

As crianças?

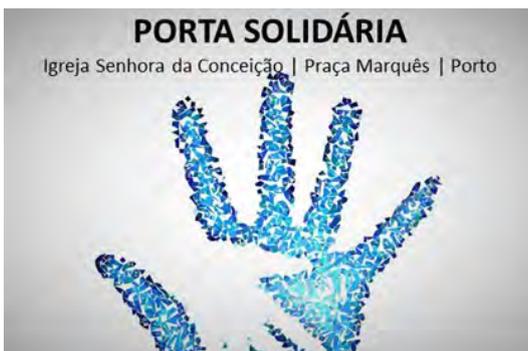
Mas as crianças também estão a morrer

*Na minha circunstância
Posso morrer
Perguntando-me se vos irei ver de novo
Mas antes de morrer
Quero que saibam
O quanto gosto de vós
O quanto me preocupo convosco
O quanto recordo os momentos partilhados e
queridos
Momentos então
Eternidades agora
Poesia
Riso
O sol-pôr
no mar
A pena que a gaivota levou à nossa mesa
Pequeno-almoço
Botões de punho de oiro
A magnólia
O hospital
Meias pijamas e outras coisas acauteladas
Tudo momentos então
Eternidades agora
Porque posso morrer e vós tereis de viver
Na vossa vida a esperança da minha duração*

Maria de Sousa
3 de abril de 2020

POR UMA CAUSA! SOLIDÁRIOS COM...

São inúmeras as situações de carência que recorrentemente precisam da generosidade de todos para sobreviver e dar continuidade aos seus projectos sociais. Hoje, a situação particular em que vivemos, deu maior profundidade e ampliou de forma preocupante o número de causas que clamam por solidariedade. Juntamos abaixo algumas que nos chegaram para quem quiser contribuir:



A **Porta Solidária** na Igreja do Marquês tem assegurado a alimentação de mais de 280 sem abrigo no Porto. Estes, com o encerramento de escolas que faziam sopa e paragem das habituais carrinhas, não têm como se alimentar. Faz falta, pão, fruta, fiambre, queijo, água, sumos, bolachas, iogurtes. Os sem abrigo deslocam-se à igreja a partir das 17h até à noite para recolher a sua refeição.

Se quiserem ajudar é só ir lá e entregar o que vos for possível. Todos os dias depois das 17hrs.

Quem não puder entregar alimentos, pode fazer transferência bancária.

IBAN PT50 0010 0000 8111 7160 0017 1

Pe Rubens

E Mail da paróquia: senhoraconceicao@gmail.com



Bebés de S. João é uma associação particular em fins lucrativos, integrada no Serviço de Humanização do Hospital de S. João.

Trabalhamos voluntariamente para poder ajudar as mães e os pais dos bebés que nascem no Hospital. São famílias com dificuldades, muitas monoparentais ou desestruturadas, que contam mensalmente com o nosso apoio, nomeadamente em fraldas e produtos de higiene para o bebé. Apoiamos anualmente cerca de 270 famílias. Infelizmente não será tão cedo que poderemos voltar ao nosso espaço no Hospital. Como não podemos entregar fraldas e produtos de higiene, decidimos fazer um apoio monetário através de vale postal ou transferência bancária.

Este apoio vai cobrir os meses de Março e Abril, será de 30 € por bebé e chegará a cerca de 100 famílias. Não pretendemos fazer uma campanha de angariação de fundos neste momento. Apenas de forma privada, se quiserem e puderem contribuir.

NIB 0036 0472 9910 6003 1983 8

INTERCESSORES

“Confio-me a estes irmãos que nesta próxima noite vão oferecer-nos uma oração ininterrupta” Pe. Henry Caffarel. Atrás de uma janela alguém reza pelos outros. No mundo inteiro homens e mulheres, unidos a Cristo, ligam-se noite e dia em Corrente de Oração. Aceitem o desafio! Os Intercessores comprometem-se a participar ativamente numa corrente contínua de oração.

Inscreva-se em

ens.intercessores@gmail.com.



A **Casa da Torre** é um verdadeiro pulmão espiritual a que muitos chegam para se encontrarem consigo mesmo e com Deus. Todos os anos registamos cerca de 10.000 diárias.

Sendo uma casa que acolhe e aloja pessoas, e para garantir a segurança de todos os colaboradores e visitantes, foi forçada a encerrar devido à pandemia de covid-19, por tempo indeterminado.

Como é conhecido por muitos dos que frequentam esta casa, tem um conjunto de despesas fixas que mensalmente ascendem aos 12.000€.

Estas mantêm-se independentemente das fontes de receita, que neste momento não existem pelo facto de não haver atividades, não existindo qualquer previsão temporal para o fim desta situação. Vimos, assim, pedir uma pequena ajuda a todos os que costumam visitar esta casa de retiros. Qualquer donativo nesta altura será uma ajuda para atenuar as dificuldades financeiras que esta situação comporta.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS

A Associação dos amigos do Padre Caffarel foi criada para dinamizar o processo de Beatificação do Padre Caffarel, sendo responsável pela angariação de fundos para suportar as despesas inerentes à constituição do respetivo dossier.

Nesse sentido, as ENS Portugal apelam à generosidade de cada um para se tornar membro da Associação.

Inscreva-se [AQUI](#).

Se já é AMIGO, por favor mantenha as quotas em dia. Se não é, os valores não assustam!:

- Membro associado – 10€;
- Casal associado – 15 €;
- Membro benfeitor – igual ou superior a 25€

NO DIA DA MÃE, UMA ORAÇÃO EM CASA



No Domingo, 3 de maio, Dia da Mãe, muitos filhos não poderão visitar as suas mães. Não será possível dar-lhes o beijo e o abraço que queriam. Fazer os gestos que concentram em si os sentimentos de uma vida e as certezas de um amor profundo porque nascido no ventre materno.

Confinados em casa, é este um bom momento para rezarmos com aqueles que conosco estão, a família do estado de emergência. Com eles podemos fazer a singela oração que o jornal Voz Portucalense propõe. Uma oração para começar com Jesus Cristo o período pós-estado de emergência, rezando com Maria, Sua Mãe. Dando graças a Deus pelas nossas queridas mães. Rezemos também pelos doentes e pelos profissionais de saúde neste tempo de pandemia.

RS

Oração para o Dia da Mãe

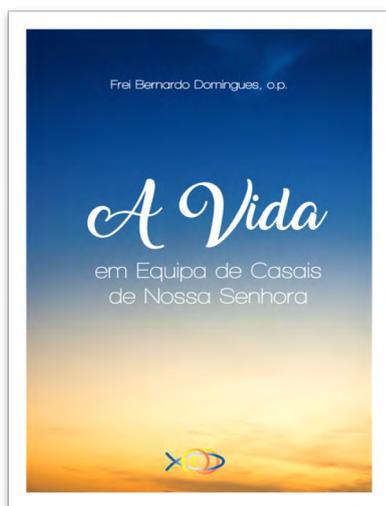
Querida Mãe, Maria
Tu que movida pelo Espírito
disseste sim ao Verbo da Vida
Ajuda-me a aceitar este tempo de sofrimento

Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe
Pede ao teu Filho por mim
Pede ao teu Filho por todas as mães
Para que Ele, pelas minhas mãos
Dê coragem a quem sofre
Dê força a quem cura
Anime os que estão tristes
Alimente os que têm fome

Com Jesus Ressuscitado
Quero estar contigo a meu lado
Como quando abraço a minha querida mãe
Caminhando na Fé, na Esperança e na Caridade

Ámen
Avé Maria, cheia de graça...
(oração proposta pelo jornal Voz Portucalense)

A VIDA EM EQUIPA DE CASAIS DE NOSSA SENHORA



Assente na experiência de uma vida de estudo e de relação com casais e

equipas, este livro do Frei Bernardo Domingues, o.p. “*Vida em Equipa de Casais de Nossa Senhora*”, aponta caminhos de exigência que podem conduzir à felicidade e à santidade.

Um livro que recomendamos vivamente a todos os Equipistas.

Para quem não teve ainda oportunidade de adquirir um exemplar poderá fazê-lo bastando para tal proceder da seguinte forma:

Endereçar o pedido para o casal Inês e António Aguiar (casal responsável pela distribuição) através do email:

antonio.ines.aguiar@gmail.com

1. Indicando as quantidades desejadas;
2. O endereço para onde devem ser enviados;
3. Um contacto para a eventualidade de ser necessária alguma clarificação;
4. Efetuar transferência do valor em causa para a conta das ENS – Região Porto: **PT50 - 0023 - 0000 - 45507496166 - 94**

O(s) livro(s) serão enviados para o endereço indicado. O custo unitário do livro é de 10€ a que acresce 1,50€ de portes.

≡ O VERBO ALELUIAR ≡ UM VERBO NOVO A DESCOBRIR

Ensina-nos, Senhor, a visão completa da vida.
Que não deixemos de saudar em cada dia o seu espantoso milagre e de recebê-lo com um coração humilde e convicto.
Que não deixemos de nos fascinar pela prodigiosa rede de amor que sustenta o mundo:
quanta prontidão, quanta resiliência, quanta dádiva, quanta esperança se escondem invencíveis em gestos que se diriam frágeis ou em contributos que apressadamente julgámos insuficientes.
Que não nos tornemos profissionais do lamento e do desânimo, mas apaixonados testemunhas e cantores do real que a cada instante se faz mais puro.
Que o confinamento do corpo não signifique jamais o confinamento da alma, mas o seu contrário: que a alma se agigante, revelando a sua condição de transparência e de bondade, pois para isso Tu nos criaste.
Que não choremos apenas os abraços que não damos, mas agradeçamos todos aqueles que já trocámos e cujo sentido e promessa na distração dos dias esquecemos.
Que não fiquemos só a matutar nos adiados passeios no bosque ignorando que os bosques são encantadores mesmo quando ninguém os vê.
Por isso Te pedimos Senhor: que a nossa vida atual se pareça à sala de ensaios de uma companhia onde pacientemente se preparam os passos a estrear da grande dança.

CARDEAL TOLENTINO
Vaticano, 13 de abril de 2020

A EQUIPA DA REGIÃO PORTO

